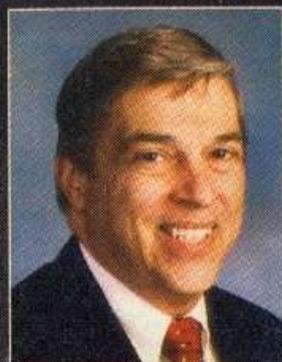


LIVRO DO MÊS



Robert Hanssen,
agente do FBI,
vendeu os maiores

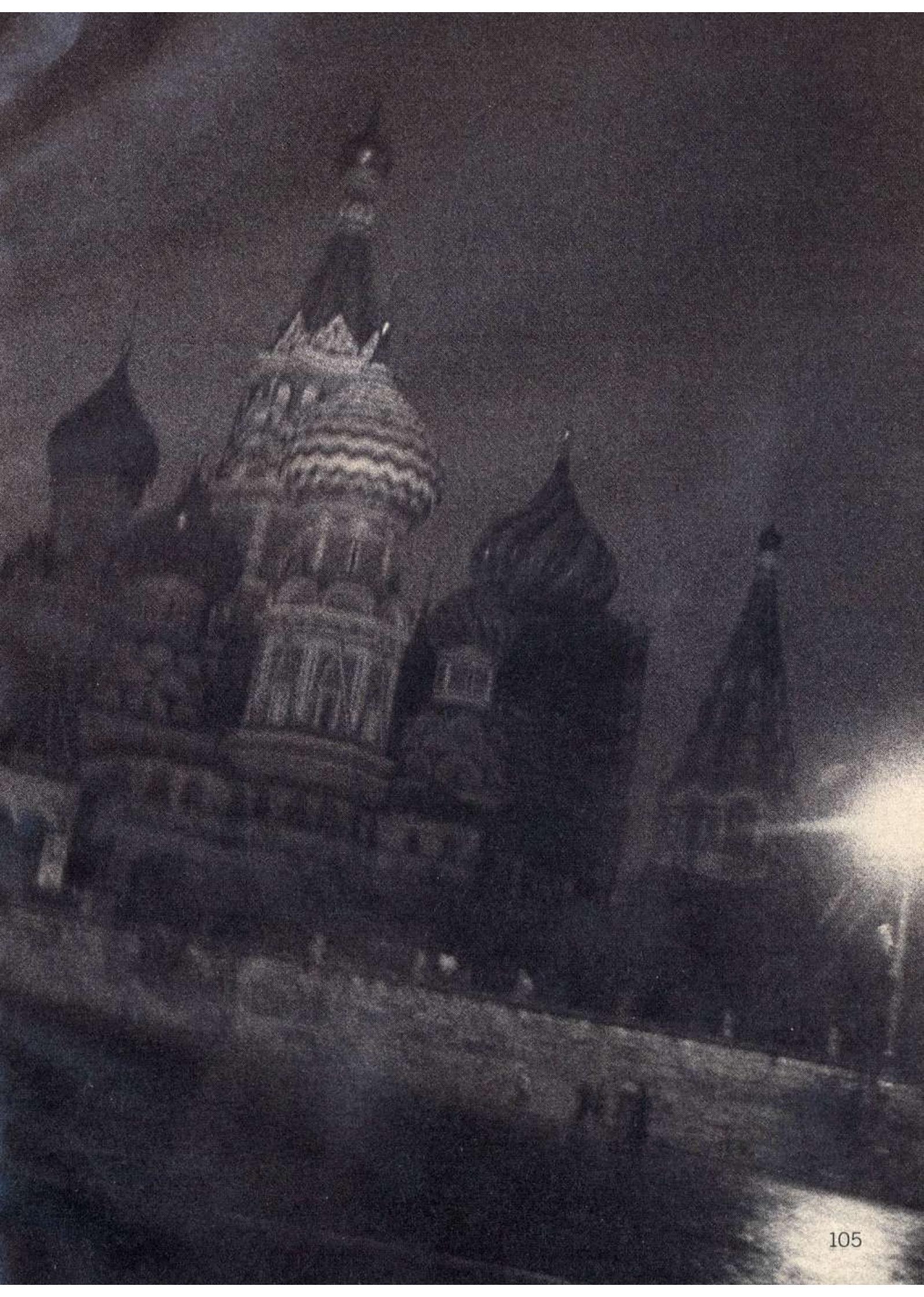
segredos americanos.

Conheça a história

desse notório

ESPIÃO

POR DAVID WISE



SEGREDO FATAL

DESASTRE. No setor de contra-inteligência soviética da sede do FBI em Washington, D.C., não havia outra forma de definir o que ocorrera: os dois agentes da KGB que eram espões dos Estados Unidos dentro da embaixada russa em Washington tinham sido descobertos. Valery Martynov e Sergei Motorin haviam trabalhado para o FBI durante três anos, informando nomes de agentes da inteligência soviética em Washington, bem como outros segredos da KGB. Agora, alguém os traía. Os dois russos foram mandados de volta a Moscou, onde morreram com um tiro na cabeça, método preferido da KGB para liquidar traidores. Era o ano de 1986.

Dois anos depois, o FBI ainda não tinha explicação para a perda de Martynov e Motorin. A agência agora começava a imaginar o inimaginá-

O espião recebeu US\$ 1,4 milhão. Por sua causa, TRÊS HOMENS MORRERAM.

vel. Por mais difícil que fosse pensar naqueles termos, parecia haver um traidor – um espião russo – dentro do próprio FBI.

Descobrir a verdade era o trabalho da divisão de inteligência, encarregada de prender espões, penetrar em serviços de inteligência estrangeiros e, quando possível, recrutar seus agentes para trabalhar para os Estados Unidos. A divisão realizou uma busca intensiva ao espião, investigando os registros do FBI desde o início da Guerra Fria, atrás de possíveis pistas de infiltração soviética.

A missão de supervisionar essa caçada ficou a cargo de um homem alto e severo de 44 anos. Não era uma figura muito benquista entre os colegas, embora o respeitassem por sua capacidade técnica. Ingressara no FBI dez anos antes, e dirigir aquela investigação era para ele uma tarefa de extrema ironia. Sabia quem havia entregado Martynov e Motorin à KGB. Sabia que alguém vinha transmitindo os maiores segredos do FBI para Moscou. Sabia até que o espião era um agente de contra-inteligência do órgão. Sabia disso tudo, mas não podia dizer a ninguém. E por um bom motivo: Robert Hanssen procurava a si mesmo.

O que faz um homem tornar-se um espião? O que o leva a trair seu país, sua família e sua consciência? O que lhe permite condenar à tortura e à

morte quem depositou confiança no FBI?

Se examinarmos a vida de Robert Hanssen superficialmente, não teremos a resposta. Na verdade, não veremos quase nada de desconcertante. Filho de um policial e uma dona de casa, aluno aplicado, com mestrado em administração, contador público, casado, pai de seis filhos, católico praticante. E, é claro, agente do FBI. Depois de sua prisão, Hanssen alegou ter traído o país principalmente por dinheiro. Não faria muita diferença se dissesse que o diabo o havia obrigado. O padre C. John McCloskey III, que com freqüência observava Hanssen na missa de meio-dia de uma igreja no centro de Washington, diz: “Não sou psicólogo, sou padre. Mas tenho muita experiência com almas. Além da falha de caráter, devem existir mágoas e problemas profundos.” Mas decerto há mais do que isso.

Porque, de 1979 até sua prisão, em 2000, Hanssen foi o espião de Moscou no coração da contra-inteligência americana. Entregou mais de 6 mil páginas de documentos confidenciais e revelou aos russos a identidade de 50 fontes ou informantes em potencial. Três deles foram executados e outros, presos. Em troca, Hanssen ganhou mais de 600 mil dólares em dinheiro e diamantes, e foi informado de que outros 800 mil haviam sido depositados para ele num banco de Moscou, totalizando 1,4 milhão de dólares.

Muitas pessoas sugeriram que qualquer tentativa de entender o poço de contradições da personalidade de Hanssen deveria começar pelo pai.



Robert Hanssen agarrava-se às lembranças de momentos felizes com o pai - pescando e aprendendo a arremessar o anzol.

Policial de Chicago, Howard Hanssen era um disciplinador rígido. Agredia verbalmente e às vezes espancava o filho. Numa ocasião, enrolou Robert num colchão velho da Marinha. Preso, com os braços imobilizados, Robert ficou assustado e começou a chorar. Segundo outra fonte, o pai de Hanssen fazia o menino girar até vomitar de vertigem – um estranho castigo, aparentemente destinado a deixá-lo mais resistente. Uma amiga da família se lembra de que Howard criticava o filho aberta e repetidamente. “Tudo que Robert fazia estava errado”, recorda ela. “Nunca vi pai assim. Jamais tinha uma palavra de carinho para o único filho.”

O Dr. David L. Charney, psiquiatra de Washington contratado para avaliar Hanssen depois de sua prisão, estabeleceu uma ligação direta entre a fúria de Hanssen em relação ao pai e a traição ao FBI. “Qualquer organização pode ser como uma família”, explicou Charney. “O tratamento que recebemos dessa organização vai nos fazer reviver aquelas experiências ou nos ajudar a resolvê-las. Se nos decepcionamos uma segunda vez, podem vir à tona o ódio e o ressentimento que não conseguíamos manifestar na infância. E talvez decidamos revidar.”

DESCOBERTA

DEPOIS DE UM BREVE PERÍODO seguindo os passos do pai na polícia de Chicago, Robert Hanssen entrou para o FBI aos 31 anos, em 1976. De início, foi designado para o escritório de Gary, Indiana, onde trabalhou com crimes do colarinho-branco. Em agosto de 1978, foi transferido para a divisão criminal do escritório de Nova York. Em março de 1979, porém, passou à divisão de inteligência. Seu trabalho era ajudar a criar um novo banco de dados de contra-inteligência, contendo informações confidenciais de centenas de agentes estrangeiros. Na verdade, Hanssen compilava uma espécie de “quem é quem” na inteligência soviética.

Hanssen e a mulher, Bonnie, mudaram-se com os três filhos para uma casa em Scarsdale, área residencial abastada do condado de Westchester, cerca de 30 quilômetros ao norte de Manhattan. Ao todo, o casal teve seis filhos: três meninos e três meninas. Embora a transferência para Nova York parecesse um progresso na carreira, muitos agentes evitavam trabalhar na cidade por causa do alto custo de vida. Os Hanssens compraram uma casa relativamente modesta, mas ainda assim além das posses de um jovem agente do FBI com a família em crescimento.

Em 1979, Hanssen entrou no escritório nova-iorquino da organização comercial soviética Amtorg. O escritório servia de fachada para o GRU, serviço de inteligência militar soviética. Hanssen ofereceu seus serviços ao GRU. Mais tarde, alegou motivos financeiros: “Eu queria ganhar algum dinheiro e sair.” Ele passou três pacotes de informações ao GRU, entre os quais um dos segredos mais protegidos pelo FBI e pela CIA: a identidade

Hanssen compilava o **"QUEM É QUEM"** **NA INTELIGÊNCIA SOVIÉTICA.**

de uma fonte-chave da inteligência americana. Com o codinome TOPHAT, Dimitri Fedorovich Polyakov, agente do GRU, vinha passando informações secretas de Moscou aos americanos havia 17 anos. Washington o considerava um agente de enorme importância. O material que Polyakov roubou para os Estados Unidos encheu mais de 27 gavetas de arquivo.

Nessa época, a traição de Hanssen chegou bem perto de ser descoberta. Uma noite, Bonnie Hanssen flagrou o marido escrevendo uma carta no porão de casa. Assustado, ele tentou esconder o papel. A primeira idéia que ocorreu a Bonnie foi que o marido tinha uma amante. E ela o confrontou com a suspeita.

Hanssen acabou admitindo para a mulher que estava vendendo informações secretas aos soviéticos. Mentindo, disse que não passara nada de significativo; era tudo trapaça, alegou. Mas também contou que os russos haviam pago a ele 30 mil dólares. Aflita, Bonnie insistiu para que os dois conversassem com um padre. Como eram membros do Opus Dei, grupo católico conservador que prega a espiritualidade e as orações na vida diária dos fiéis, decidiram falar com um padre do grupo.

O padre Robert P. Bucciarelli se encontrou com o casal e, ciente da situação, recomendou que Robert se entregasse. No dia seguinte, porém, telefonou, dizendo que havia refletido sobre o problema e mudara de idéia. O assunto poderia ser resolvido, disse ele, se, em vez de se entregar às autoridades, Hanssen doasse o dinheiro soviético a uma instituição de caridade. Hanssen garantiu a Bonnie que não venderia mais informações confidenciais aos russos e que daria o dinheiro a Madre Teresa. Não há como confirmar se ele de fato o fez, mas Bonnie acreditou no marido.

A SUSPEITA DE UM IRMÃO

EM 1981, ROBERT HANSSEN foi transferido para a unidade orçamentária da sede do FBI, em Washington. Ele e Bonnie compraram uma casa em Vienna, Virgínia. Hanssen fez poucos amigos no trabalho. Para muitos, ele era uma pessoa arrogante, que não se preocupava em esconder o fato de se considerar mais inteligente do que os colegas. Mesmo aqueles que o criticavam, no entanto, reconheciam que suas habilidades técnicas eram formidáveis. Por causa disso foi designado para um projeto confidencial que lhe garantia acesso irrestrito às informações sobre o sistema de vigilância do FBI. A unidade de Hanssen era responsável por preparar o orçamento da divisão para o Congresso. “Na unidade orçamentária”, explicou David Major, agente de contra-inteligência veterano do FBI, “Hanssen sabia no que gastávamos e no que íamos gastar dinheiro. Conhecia todos os segredos.”

Em agosto de 1983, Hanssen foi para a unidade analítica soviética, onde estudava quem eram e como agiam os espiões de Moscou nos Estados Unidos. Em 1985, retomou as atividades de espionagem, dessa vez oferecendo serviços à KGB com o pseudônimo de “Ramon Garcia”. Entre os primeiros segredos que vendeu estava a informação que ajudou a mandar para a morte Valery Martynov e Sergei Motorin.

Em meados de 1990, a irmã de Bonnie, Jeanne Beglis, fez uma visita aos Hanssens. Quando as duas irmãs entraram no quarto do casal, Jeanne viu centenas de notas sobre a cômoda de Robert. “Ah, meu Deus, olhe só o que ele deixa por aí!”, exclamou.

ARQUIVO HANSSEN

1944

Robert Philip Hanssen nasce em Chicago, onde é criado



1968 Casa-se com Bonnie Wauck, Chicago

1979-1981

Como agente do FBI, fornece informações aos soviéticos que ajudam a revelar um informante russo de grande valor para a inteligência dos EUA

1981

Transferido para o FBI em Washington. Depois, para a unidade analítica soviética

Dimitri Polyakov, codinome TOPHAT.

1985

Primeiro contato com a KGB, com o pseudônimo de “Ramon Garcia”



mou Bonnie. Hanssen acabara de ser promovido para a equipe de fiscalização do FBI, o que significava viajar pelos Estados Unidos e pelo exterior a fim de examinar os escritórios da agência. O espião agora se encarregava de inspecionar se tudo corria com segurança e de acordo com as normas. A KGB já lhe pagara mais de 450 mil dólares, então talvez não fosse de surpreender que ele estivesse ficando um pouco descuidado em relação ao dinheiro.

Apesar da quantidade espantosa de dinheiro no quarto, Bonnie mais tarde afirmou não ter suspeitado de nada. Outros membros da família, no entanto, ficaram desconfiados. Logo a notícia do dinheiro na cômoda de Robert Hanssen chegava a Mark Wauck, irmão de Jeanne e Bonnie.

Wauck havia entrado para o FBI em 1978, dois anos depois do cunhado, e trabalhava no escritório de Chicago. A história da grande quantidade de dinheiro em posse de Hanssen era perturbadora, porque Wauck agora se lembrava de uma conversa que tivera com Bonnie cinco anos antes. Na ocasião, ela contara a Wauck que o marido uma vez dissera: “Talvez eu me aposente na Polônia.”

Na época, a Polônia era um satélite soviético, e o comentário deixou Wauck desconfiado. Aquelas não eram palavras de um agente do FBI, muito menos de alguém do serviço de contra-inteligência. Isolado, o fato não justificava que se tomassem providências; agora, porém, havia o dinheiro. E existia ainda outro problema: Wauck ouvira dizer que o FBI procurava um espião dentro da inteligência americana. Seria ele o marido de sua irmã?

1988

18 de julho: dá à KGB uma análise americana sobre missões soviéticas

1989

Compromete o maior projeto da inteligência americana: um túnel secreto sob a nova embaixada soviética em Washington para permitir escutas

1991

Queda da União Soviética. Hanssen suspenso por 8 anos. Retorna o trabalho para a KGB em outubro de 1999 e é recebido por eles como “Prezado amigo”



Robert P. Hanssen
Senior Policy Advisor
Office of Foreign Missions

U.S. Department of State
Washington, DC 20521

202-437-4570 FAX
202-730-4391 FAX

2001

Hanssen escreve uma carta de despedida para Moscou: “Algo despertou o tigre adormecido”



Após algumas semanas de agonia, Wauck afinal decidiu relatar suas desconfianças a um supervisor. Quando os meses se transformaram em anos e nada mais se falou sobre o assunto, imaginou que estivesse tudo bem: ele se enganara, Hanssen era inocente. A agência tem explicações próprias para o fato de a advertência de Wauck não ter sido investigada. Mas a verdade é que, se não a tivessem ignorado, o espião mais nocivo da história do FBI poderia ter sido preso dez anos antes.

O HOMEM ERRADO

UM DOS EPISÓDIOS MAIS ESTRANHOS na vida pessoal de Hanssen aconteceu mais ou menos na mesma época em que Mark Wauck alertou o FBI. Numa boate do centro de Washington, uma jovem *stripper* chamada Priscila Sue Galey ficou surpresa quando um homem alto lhe mandou pelo garçom uma gorjeta de 10 dólares e um elogio. “Era algo sobre nunca ter imaginado encontrar tanta beleza num clube de *strip-tease*”, lembra Priscila.

Ela foi atrás dele e o alcançou à porta para lhe agradecer, mais as palavras do que o dinheiro. Algumas semanas depois, Robert Hanssen estava de volta e iniciava com Priscila um relacionamento que duraria mais de um ano. Talvez vivesse a fantasia de James Bond: o agente secreto com uma bela mulher nos braços. Deu a Priscila um colar de safiras e diamantes, levou-a numa viagem de negócios a Hong Kong, comprou-lhe um carro e presenteou-a com um cartão de crédito.

Em um aspecto, entretanto, Hanssen diferia muito do agente 007. Priscila garante que, exceto por uma única iniciativa sua, não havia sexo: nenhum abraço, nenhum beijo, nenhum contato físico. Em vez disso, Hanssen tentava melhorar a vida espiritual de Priscila, insistindo sempre para que fosse à igreja.

Em 1994, o FBI obteve uma vitória ao prender Aldrich Ames, espião de Moscou dentro da CIA. Ele havia traído dezenas de agentes da CIA na União Soviética, levando dez a serem executados. À medida que se avaliavam os estragos depois da prisão de Ames, porém, logo ficou evidente que suas ações não explicavam todos os quebra-cabeças que ainda assombravam a CIA e o FBI. Restavam diversos casos inexplicados. Aos poucos, as suspeitas recaíam sobre um agente da CIA chamado Brian Kelley. Os indícios contra Kelley eram no mínimo duvidosos, mas, no serviço de contra-inteligência, até circunstâncias e ocorrências inofensivas podem significar



No Departamento de Estado, Hanssen (centro) conseguiu uma atribuição que lhe permitia monitorar as viagens dos diplomatas estrangeiros.

ameaça. Membros da família de Kelley foram interrogados. Ele foi colocado de licença, ficando impedido de entrar nos escritórios da CIA. Embora não tivesse culpa, só seria inocentado dois anos mais tarde.

Para os caçadores do espião do FBI, quando o ano de 2000 começou, o fato de ainda não terem feito nenhuma prisão era tão frustrante quanto intolerável. O problema tinha de ser resolvido, mesmo que custasse milhões de dólares. Com dinheiro suficiente, o FBI achava que talvez Brian Kelley fosse desmascarado.

Desde o fim dos anos 80, a CIA e o FBI haviam implantado um programa conjunto a fim de recrutar informantes russos. À medida que estudavam os nomes de possíveis candidatos, os investigadores se voltavam cada vez mais para um ex-agente da KGB. Ele tinha aberto uma empresa depois de se aposentar do serviço de inteligência e morava em Moscou.

Quando o FBI entrou em contato com o ex-agente, descobriu que o russo guardava um segredo: tinha acesso ao arquivo da KGB sobre o espião americano. O arquivo não continha o nome do espião nem da agência em que ele trabalhava, porque o homem jamais divulgara nenhum dos dois. Mas o ex-agente da KGB estava seguro de que havia pistas suficientes nos documentos e de que o arquivo permitiria ao FBI identificar “Ramon Garcia”.

“Ele prometeu uma fita com a voz do espião”, contou uma fonte do FBI.



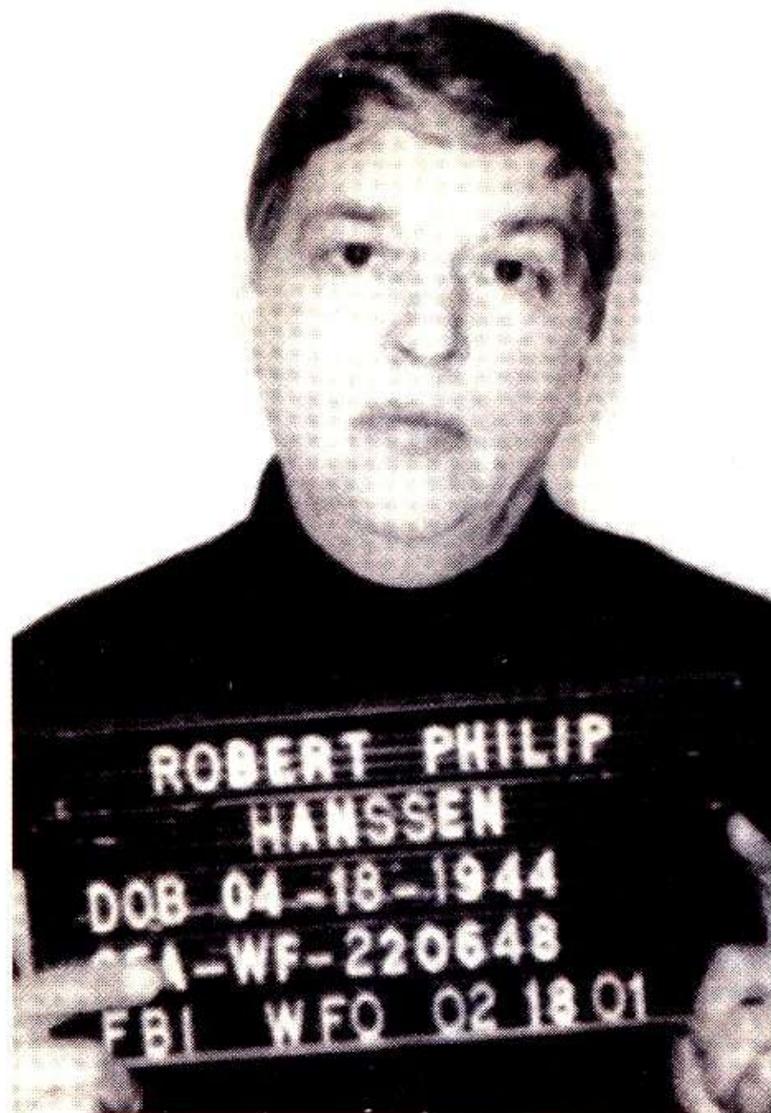
Pagamento dos russos a Hanssen, descoberto pelo FBI uma semana antes de sua prisão.

Depois de muitas negociações, o FBI pagou 7 milhões de dólares pelo arquivo. Quando o material chegou, um dos envelopes trazia um bilhete dizendo “Não abra”. Apesar da curiosidade, os agentes esperaram.

Em poucas semanas o russo seria levado de Moscou para os Estados Unidos, onde se estabeleceria com a família sob nova identidade, como parte do acordo com o FBI. Só então o conteúdo do envelope misterioso seria revelado.

Em novembro, um grupo de agentes se reuniu para escutar a fita, esperando ouvir Brian Kelley negociando com os soviéticos. No entanto, uma voz diferente irrompeu na sala. “Ouvi várias vezes a gravação. Conhecia aquela voz, mas não conseguia identificá-la”, recorda Michael Waguespack, vice-diretor-assistente da Divisão de Segurança Nacional do FBI.

Bob King, um dos analistas do FBI, estudou o material do arquivo. Duas vezes o espião citava uma frase do general Patton para as tropas: “Vamos acabar de vez com os cretinos dos japoneses.” De repente, King se lem-



“Estou sendo tratado como um criminoso qualquer”, queixou-se Hanssen numa carta para a mulher.

dosamente guardado pela KGB desde então. Testes de laboratório revelaram duas impressões digitais. Ambas pertenciam a Robert Hanssen.

PRISÃO

O FBI COMEÇOU A MONTAR uma armadilha para pegar o espião em flagrante. No escritório de Hanssen, os investigadores encontraram uma verdadeira mina. Acharam várias mensagens para os russos e respostas deles, ainda recuperáveis na memória do computador. Essa troca de recados deixava claro que Hanssen vinha vendendo informações a Moscou, após um hiato de algum tempo – oito anos, como seria esclarecido depois. O FBI também descobriu um local secreto onde os soviéticos e Hanssen trocavam material, no Parque Foxstone, perto da casa de Hanssen, na Vir-

brou de onde havia escutado aquelas palavras.

“Hanssen tinha usado a mesma frase quando King trabalhava para ele na unidade analítica soviética”, contou Waguespack. “King disse: ‘Acho que é Robert Hanssen.’ Tornamos a ouvir a fita e dessa vez notei que era mesmo Hanssen. Exclamei: ‘Meu Deus, é ele!’”

Em meados de dezembro, o informante russo já estava em segurança nos Estados Unidos. Os 7 milhões de dólares seriam pagos em prestações. Agora, o FBI podia abrir o último envelope.

O ex-agente da KGB explicou a importância do conteúdo: um saco de lixo preto usado pelo espião para enviar documentos, que fora cuida-

gínia. Com o codinome ELLIS, o local era usado uma vez por ano, no dia 18 de fevereiro, segundo informações encontradas no computador. Quando os investigadores examinaram o computador de mão de Hanssen, encontraram uma referência a ELLIS: 18 de fevereiro, 20 horas.

Seguindo indicações dos arquivos eletrônicos de Hanssen, no dia 12 de fevereiro os agentes descobriram um pacote em Arlington, contendo 50 mil dólares em notas usadas de 100. Fotografaram o dinheiro, embrulharam o pacote de novo e puseram-no de volta onde havia sido achado.

No domingo, 18 de fevereiro, o FBI vigiava o Parque Foxstone, com uma equipe da SWAT escondida perto da entrada. Outros agentes que seguiam Hanssen viram-no parar num *shopping center* por volta das 16 horas e abrir o porta-malas. “Ele está colocando documentos num saco plástico”, informou um dos homens pelo rádio à *van* que aguardava a cerca de 1,5 quilômetro da entrada do parque. “Ele vai deixar o pacote agora!”, surpreendeu-se o agente Tim Caruso, na *van*. “Em plena luz do dia!”

Hanssen estacionou do outro lado da entrada do parque e saiu do carro. Colou um pedaço de fita adesiva branca na placa que sinaliza a entrada do parque para indicar aos russos que o serviço estaria concluído em poucos minutos. “Ele entrou no parque”, informaram os agentes que o observavam.

Levando o pacote, Hanssen desapareceu no bosque.

Pouco depois das 16h30, ele alcançou a ponte de madeira que cruzava um pequeno rio. Com cuidado, escondeu o saco plástico sob a ponte. Levou quatro minutos para sair da mata e ir até o carro.

Nesse instante duas *vans* surgiram, bloqueando a passagem de Hanssen. Quatro agentes saltaram, usando coletes à prova de balas, alguns apontando submetralhadoras MP-5. E Robert Hanssen entendeu.

TRAIÇÃO APÓS TRAIÇÃO

O CRIME DE ESPIONAGEM é passível de pena de morte, mas os advogados de Hanssen pediram prisão perpétua sem direito a liberdade condicional, alegando que os Estados Unidos ganhariam mais se avaliassem os danos causados por Hanssen. Como parte do acordo, Hanssen perderia o 1,4 milhão de dólares pago pelos russos e não poderia se beneficiar de nenhum livro, filme ou publicidade futuros. Além disso, seria interrogado durante seis meses sobre suas atividades. A sentença formal só seria dada depois que o interrogatório estivesse concluído e os promotores, satisfeitos.

Durante as investigações, veio à tona que Hanssen traía não só o país como também a mulher. Coube ao Dr. Alen J. Salerian, psiquiatra contratado pelo advogado de Hanssen, informar a Bonnie Hanssen que havia anos o marido permitia a seu melhor amigo, Jack Hoschouer, assistir ao casal fazendo amor ao vivo, em circuito fechado de televisão. Hoschouer visitava a casa dos Hanssens com freqüência, e Robert instalara uma câmera no quarto deles para que, do andar de baixo, Jack pudesse ver o que se passava na cama do casal. Bonnie reagiu à notícia com choque e raiva.

No dia 10 de maio de 2002, com ar abatido e vestindo o uniforme penitenciário verde, Robert Hanssen compareceu diante do juiz Claude Hilton no tribunal federal de Alexandria. A sala estava repleta de agentes do FBI de cara fechada, a maioria ex-colegas de Hanssen no serviço de contra-inteligência.

Antes de ouvir a sentença, Hanssen levantou-se e leu uma declaração. “Peço desculpas por meu comportamento”, disse. “Estou envergonhado. Abri a porta para a calúnia contra minha mulher e meus filhos inocentes. Magoei profundamente muitas pessoas.”

O juiz Hilton condenou Hanssen à prisão perpétua, sem direito a liberdade condicional. Bonnie e os filhos não estavam presentes.

Robert Hanssen era um homem solitário, mas os poucos amigos que tinha ficaram chocados com sua prisão. Um deles, o advogado Ron Mlotek, do Escritório de Missões Estrangeiras do Departamento de Estado, considerava Hanssen um grande amigo.

Era difícil para ele esquecer o que Hanssen dissera um dia: “Uma pessoa teria de ser muito idiota para espionar para a KGB, porque seria descoberta. Porque nós [o FBI] a pegaríamos.”

A BORDO

Nos Estados Unidos, os ônibus têm avisos que dizem: “Não fale com o motorista.”

Na Inglaterra: “Solicitamos a gentileza de se absterem de falar com o motorista.”

Na Alemanha: “É terminantemente proibido falar com o motorista.”

E na Itália: “Não responda ao motorista.”

ARPITA SHAH, EUA

